

O medalhão foi  
um presente que  
Chanthy ganhou  
do pai antes de  
o conhecer.



Ao ver a foto da pequena órfã,  
o único pensamento que me  
ocorreu foi: Vamos buscá-la.

# Um lar para Chanthy

POR CHRISTINE EVANS

“**A**QUELA É Chanthy, sua filha”,  
alguém me diz, apontando para  
uma criancinha na sombra, os  
cabelos em tufos embaraçados.  
Atravessando a poeira quente  
e vermelha do Camboja, eu me aproximo. Ela  
vira o rosto; uma lágrima escorre pela boche-  
cha e pinga no vestido surrado do orfanato.  
Deixa-me abraçá-la e, por um momento, eu  
a pego no colo, achando, em seguida, que o

gesto era precipitado. Coloco-a com delicadeza no chão, onde ela pisa com os chinelos amarelos. E ali fica, totalmente insegura.

*Quem é você?*, perguntam seus olhos. *O que quer comigo?*

Na confusão, meus pensamentos são semelhantes: *Quem é essa menina que agora, de repente, é minha filha?*

Chanthy está há seis meses em Cham Chao, um abrigo para crianças abandonadas. O prédio principal do orfanato parece um antigo celeiro – até você entrar e ver bebês dormindo nos quartos dos fundos, em cestos de vime pendurados, em baldes na hora do banho. Bebês por toda parte.

**A**S VEZES fazemos algo porque temos medo de, se não o fizermos, acabar sentados na varanda nos perguntando “E se...?” Foi por não querer arrependimentos que, com meu marido, Pete, deixei nossa casa em Delray Beach, Flórida, até esse orfanato no Camboja, em julho de 2000.

Depois do nascimento de nossa primeira filha, Chloe, Pete e eu soubemos que queríamos outro filho. No entanto, tivemos dificuldade para conceber. Havíamos lido a respeito de orfanatos distantes, visto rostos tão desamparados, e uma idéia começou a tomar corpo. Uma agência de adoção nos informou que os orfanatos do Camboja estavam cheios de crianças. Cheios demais.

“Temos uma menininha”, avisou um dia o especialista cambojano.

“Chanthy. Rath Chanthy é o nome dela.” O belo nome, Chanthy, deriva da palavra em *khmer* que significa lua. Rath, porém – senti um nó no estômago quando ouvi isso –, é o nome dado a todos os órfãos. Quer dizer “tutelado pelo Estado”.

Poucas semanas depois, no jornal em que Pete e eu trabalhamos, recebemos um *e-mail* com a foto da menina. Vestindo apenas a roupa de baixo, segurava uma tabuleta com seu nome e a suposta data de nascimento – 15 de novembro de 1997. Embaixo, havia um F, de feminino. O único pensamento que me ocorreu foi: *Vamos buscá-la.*

QUANDO CHANTHY deixa Cham Chao, as mulheres do orfanato tentam animá-la. “Chanthy, na América você vai andar em um carro grande!”, exclamam alegremente, fazendo esforço para não chorar. Dão-lhe pequenos brincos de ouro, um carro de corrida em miniatura e uma pulseira com uma cabeça de serpente prateada. Da época anterior ao orfanato, no entanto, Chanthy nada possui: nem certidão de nascimento, nem foto ou recordações. Nenhuma árvore genealógica. Existe apenas uma fotografia, tirada na época em que foi abandonada, na qual está vestindo uma camiseta cor-de-rosa onde se lê: “Boa sorte”.

Dou a Chanthy um ursinho azul-claro que tem um espelho escondido na barriga, e ela descobre que pode se ver ali. Quando uma lágrima cai no vidro prateado, ela a limpa com a



bainha do vestido novo e me olha para ver se percebi.

CHANTHY TORNA a chorar no hotel em Phnom Penh. As mãos estão cruzadas sobre o peito, e ela parece muito pequena. Deito-me na cama e ponho a mão sobre seu coração. É só o que posso fazer. Ainda não falamos a mesma língua. Dou-me conta de que é minha função fazer com que ela saiba – por meio de abraços, contato visual e fotos de família – que está segura e terá comida, um lugar para dormir e mais de uma roupa para vestir.

Minha mão sobre seu peito está quase imóvel agora. Finalmente, ela dorme e a respiração está tranqüila.

– CINCO AVIÕES ATÉ OS Estados Unidos, Chanthy – explica Pete.

– *Brum?*

– Cinco: um, dois, três, quatro e

**Troca de olhares, um sorriso, um toque, um abraço... A linguagem do amor.**

cinco – conta Pete, mostrando a Chanthy os dedos.

– *Moo-ay, bpee, bay, boo-un, bprum* – retruca ela, mostrando os seus.

Mesmo assim, é um desastre viajar de avião dois dias direto, cruzando 11 fusos horários, com uma filha no chão, contorcendo-se em profunda e obscura dor emocional, gritando em *khmer*. Tudo que ela conhece acaba de desaparecer como um sonho atrás das nuvens do lado de fora da janela. Meus joelhos tremem. *Meu Deus, penso, o que fizemos?*

Um indiano de turbante azul toca meu braço. Acho que ele quer reclamar do barulho. “Ela vai ficar bem”, diz gentilmente, apontando para o céu. “Em casos assim, alguém lá em cima toma conta. Tenha fé e verás.”



**Chanthy, aos 5 anos, tem o doce momento de comemorar seu aniversário em “família”.**

- CHANTHY? Sou eu, Chloe.  
- Chlo-eee?

Minha filha cambojana repete sem parar o nome da irmã, como se fosse música.

É dia 7 de agosto e chegamos ao Aeroporto Internacional de Palm Beach, onde Chloe, 7 anos, veio com meus pais nos receber. Ela abraça Chanthy e as duas saltitam como fadas, brincando com as bonecas de cabelo cacheado que Chloe trouxe como presente de boas-vindas.

Na primeira refeição em casa, Chanthy devora dois bolinhos, dois pedaços de frango, duas tigelas de macarrão e suco de laranja. Come tudo avidamente - um par de *hashis* na mão direita e um garfo na esquer-

da, para ajudá-la a comer mais rápido. Seguindo a irmã mais velha pela casa, grita “*Bong! Bong!*” - irmã mais velha! - e a copia em tudo: no que vestir (*short jeans* ou vestido); em como abrir a porta (girar o trinco com força para a esquerda); no que fazer quando recebemos visitas (apertar as mãos).

Chloe é a guia de Chanthy. Como não falam a mesma língua,

Chloe inventa um jogo. “*Bing-bang-bong!*”, ela cantarola para Chanthy. “*Ding-dang-dong!*”, Chanthy responde. Fazem isso por horas. Parece que as palavras são dispensáveis para que duas pessoas se tornem irmãs.

CHANTHY ESTÁ experimentando tênis novos e estou sentada a seu lado, de pernas cruzadas. No Camboja, eu a vi de chinelos e descalça, nenhum sapato. Ela examina o calçado com cerimônia, passando os dedos pelos cadarços, contando os corações vermelhos do interior. Então, ela olha para cima - e grita: “Ma! Não!”

*Talvez seja a boca*, penso. Os dentes de leite estão bem cariados e já marcamos a primeira consulta ao dentista. Acho que, até nos conhecer, ela nunca havia segurado uma escova de dentes.

Mas não são os dentes. O proble-

ma é que a sola do meu pé direito está apontando em sua direção. No Camboja, o pé não é uma parte do corpo valorizada, e apontá-lo para alguém é uma ofensa indesculpável. Ofendi minha filha, e ela me avisa gesticulando como um guarda de trânsito, os braços cruzando o ar até eu mudar a posição das pernas, de forma que os pés apontem para trás.

Ela suspira e sacode a cabeça, como se eu fosse um caso perdido.

**R**APIDAMENTE, Chanthy me mostra que a cozinha é seu território – ou deveria ser. Às vezes, quando estou cozinhando, ela sobe num banquinho e começa a mexer o que quer que esteja na panela. Ela acha que cozinhar é uma tarefa sua, porque em algum momento da sua outra vida foi. Acho graça quando a observo assistindo a um programa de culinária, aplaudindo as manobras habilidosas de um *chef* chinês.

Percebemos que Chanthy é mais velha do que nos informaram, e a matriculamos na pré-escola. No primeiro dia, pediram que deixássemos as crianças no portão, para que os professores as levassem para dentro. Argumentei que Chanthy estava conosco havia pouco tempo e que poderia precisar de mim.

“Não”, respondeu a professora, Sra. Jackson. “Ela não vai precisar.”

E não precisou mesmo. Nunca vou esquecer a cena: Chanthy desaparecendo pela entrada da escola, segu-

rando firme a mão da professora. Ela não anda – marcha. Eu já tinha reparado nessa atitude. Em uma situação nova, em que algumas crianças podem recuar, ela avança com a determinação de um soldado, balançando os braços e levantando bem os pés. As pessoas acham que é uma gracinha, mas, para mim, é coragem.

Minha nova filha já enfrentou mais adversidades do que a maioria dos adultos. Primeiro dia de escola? O que é isso comparado a ser abandonada em um orfanato? Ou implorar por uma tigela de arroz? Ou varrer o chão em troca da possibilidade de dormir nele?

NOS PRIMEIROS meses, Chanthy dá uma espichada de 7,5 centímetros, mas esse é apenas o desenvolvimento físico.

Na primeira semana em casa, aprende a nadar sozinha. Empoleirada na borda da piscina em seu biquíni rosa-choque, vê Chloe saracotear como um peixe. Então Chanthy mergulha na água e imita os movimentos da irmã. Na segunda semana, mergulha de barriga e, na terceira, amarra os próprios sapatos.

Na quarta semana, já opera com habilidade o aparelho de CD para ouvir sua música favorita, cuja letra – inacreditavelmente – diz “Ninguém liga a mínima/Quando você está em um orfanato”. Como ela não entende direito a letra, só pode ser coincidência. Uma coisa é certa: a vida tem muitos mistérios.

Na quinta semana, Chanthy se es-

Chloe agora tem  
um novo papel  
como guru  
cultural de  
Chanthy.



força muito, aprendendo a escrever. Dia após dia, escreve a letra H em qualquer espaço em branco disponível no papel. A testa enrugada com a concentração; a ponta da língua se apóia no lábio superior. “Eu fez!”, diz, quando acerta.

UM DIA, diante do espelho enquanto escova os dentes, Chanthy grita:

- Mãe! Chloe pele branca! Por que eu não tenho pele branca?

- Sua pele é linda.

- Pele escura não é bom.

- Quem disse?

- No Camboja dizem.

Encontrei na Internet um artigo acadêmico que fazia referência a *sah s'at*. A expressão, que traduzida literalmente seria “branco bonito”, pode ser usada como elogio à pele de uma mulher. No Camboja valoriza-se a pele clara, sinal de *status* mais elevado.

- Eu acho a sua pele bonita - diz Chloe, enfiando a cabeça pela porta.

Chanthy lhe lança um olhar cético.

TODOS ESSES MOMENTOS, porém, são insignificantes se comparados ao dia da naturalização de Chanthy.

Não tenho certeza se ela sabe o que é um cidadão. Mas sabe que

Chloe, Pete e eu somos cidadãos. Então, quer desesperadamente tornar-se uma também.

No dia 27 de fevereiro de 2001, Chanthy Christine Evans-Cross põe o vestido de veludo verde e vamos todos de carro até a escola, onde a Sra. Jackson fez uma coroa amarela de cidadania para Chanthy usar na festa em sua homenagem. Mostramos aos seus colegas de turma fotos tiradas no Camboja e distribuimos broches com as bandeiras dos Estados Unidos e do Camboja. Em seguida, Chanthy se levanta. Seu pequeno rosto de flor de lótus brilha sob a coroa amarela e toda a turma canta “Parabéns pela cidadania, querida Chanthy.”

Ela parece tão orgulhosa que eu desvio o rosto e choro.

- MÃE, EU ESTOU na sua família definitivamente, não é? - Chanthy costumava perguntar na hora do jantar, só para ter certeza.

- Claro - eu dizia, abraçando-a.

- Mãe, definitivamente é para sempre?

- É, Chanthy. Definitivamente é para sempre.

Ela parou de perguntar. Porque agora, eu acho, ela sabe que sim.

### QUE ROMÂNTICO!

A convidada de um *talk show* contava como seu namorado a deixava de joelhos bambos.

- O que você faria para deixar meus joelhos bambos? - perguntou minha cunhada a meu irmão.

- Subiria em seus ombros - respondeu ele. MARILYN JOHNSON, EUA